

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME

♦
ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO

♦
ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIZ FRANCISCO REBELLO



Título: Obras Completas — 2.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1985**

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1985

Depósito legal n.º 7002/85

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
2.º VOLUME



ANTÓNIO MARINHEIRO
OS ANJOS E O SANGUE
O DUELO
O PECADO DE JOÃO AGONIA
ANUNCIAÇÃO



Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello

editorial
CAMINHO

ANUNCIAÇÃO

Peça em três actos

Ainda por representar.

1.ª edição, 1962; 2.ª edição, 1974 (Ática).

Personagens

SIBILA — 17 anos
RAFAEL — 20 anos
AMÉLIA — 48 anos
ROGÉRIO — 50 anos
FERNANDO — 50 anos
GUILHERMINA — 70 anos
EDUARDA — 45 anos
MARIA JOÃO — 25 anos
BEATRIZ — 55 anos
CRIADA — 20 anos
CHIQUINHO — 26 anos

ACTUALIDADE

Primeiro acto

CENÁRIO: *Solar antigo, construído sobre monte cimeiro, em quinta isolada e meio selvagem.*

Quarto de cama. Estão em cena Amélia, Guilhermina e Sibila.

Cena I

AMÉLIA (*que se levanta do grande leito dosselado*): Estou tão cansada, tão... Ai, a minha cabeça!... Não dormi nada... nada...

GUILHERMINA (*que ajuda Amélia*): Nem eu, menina. Nem a Sibila. (*Amélia deixa-se cair sobre o leito, em genuflexão de abandono.*) Vá... upa!... (*Veste-lhe um penteador.*) Daqui a pouco estão aí as visitas...

AMÉLIA (*infantil*): Não! Não posso ver ninguém!... Dói-me o estômago... dói-me tudo, Guilhermina... Quero voltar pra Lisboa. Hoje, já!...

GUILHERMINA: Hoje?...

AMÉLIA: Hoje. Estou doente... não tenho cá o remédio, não tive tempo de o arranjar... (*A gritar.*) Não posso receber ninguém!...

GUILHERMINA: A menina é a viúva: tem que ser...

AMÉLIA (*que está agora sentada ao espelho*): Ora, comédias! Toda a gente, aqui e em Lisboa, sabe que eu e o Rodolfo estávamos separados há muitos anos. Queres que faça agora o papel de viúva inconsolável?! Ai, deixa-me em paz com essas... (*Passando as mãos pelo rosto envelhecido.*) Estou um horror, Guilhermina!

GUILHERMINA (*que penteia Amélia*): Logo fica bonita.

AMÉLIA: Estou tão velha, Guilhermina! (*A soluçar, abraçando-se a Guilhermina.*) Tu sabes que dia é hoje?...

GUILHERMINA (*ternura triste*): Nunca me esqueci, menina... (*Indicando uma jarra com rosas brancas.*) Olhe, as suas flores!...

AMÉLIA (*tomando febrilmente as rosas e beijando-as muitas vezes*): Pois não te...?! As minhas... as minhas rosas!... Obrigada, Guilhermina, muito obrigada!... (*Súbito desânimo, deixando cair as flores no regaço.*) Dantes... Agora, tudo é tão diferente!... Eu fui feliz aqui, nesta casa, neste quarto: e só hoje o sei, Guilhermina!... Tudo mudou... (*De novo a contemplar-se ao espelho.*) Eu mudei... muito. (*Riso nervoso.*) Tu sabes quantos anos faço eu, hoje?

GUILHERMINA: Claro. Sei que...

AMÉLIA (*mimada*): Oh, cala-te! Não, não digas! É horrível. Estou velha... (*Gesto de Guilhermina.*) Velha, Guilhermina! E não posso enganar ninguém: pareço ter a idade que tenho. (*Reacção exagerada.*) Cuidado, arranhaste-me: as tuas mãos já não...!?

GUILHERMINA: Foi o reumatismo, menina. E perdi o jeito: já não sou capaz de cuidar duma senhora... Desabituei-me: a Sibila nunca teve o cabelo mais comprido que isto (*indica a ponta de um dedo*) e quanto a pinturas...!

AMÉLIA (*ansiosa*): Sabes, Guilhermina? Eu não sei, mas... A Sibila impressiona-me... não a conheço, já não a apanho... Olha-me duma maneira... Reparaste? Viste bem a segurança a... dureza daqueles olhos? Eu tenho medo dela... É verdade, tenho medo!

GUILHERMINA: Ela é boa. A criatura mais pura que eu vi, em toda a minha vida!...

AMÉLIA: Será, não digo que não, mas... Tu não vês?! Parece que está sempre a acusar-me, a julgar-me, a...

GUILHERMINA: Isso é impressão sua, menina: ela nunca lhe diz nada, sempre caladinha...!

AMÉLIA: Não é com palavras: são os olhos... os olhos! Eu já não sei como hei-de falar-lhe... cresceu muito depressa... não sei se...!?

GUILHERMINA (*dura*): Há mais de sete anos que vivem separadas...

AMÉLIA (*reacção viva*): E então? Que podia eu fazer? Querias que continuasse aqui: que ela crescesse no meio do

inferno que era a minha vida com o... pai? Que fosse, a pouco e pouco, descobrindo todas as nossas misérias? Era melhor?!

GUILHERMINA: Já lhe passei o vestido preto: vou buscá-lo...!

AMÉLIA (*agarrando o braço de Guilhermina*): Era melhor?...

GUILHERMINA (*estática*): Uma mãe faz sempre muita falta...

AMÉLIA (*a gritar*): E então?! Querias que eu a levasse comigo pra Lisboa, pra...?

GUILHERMINA: Eu não disse nada, menina. Eu já não sei nada deste mundo.

AMÉLIA: Mas pensas, Guilhermina. (*Crise nervosa, a bater com os punhos sobre a mesa.*) E eu não podia, não podia...! Havia de meter a minha filha naquele... caos, na... desordem em que tenho vivido?! (*Chora alto.*) Ai, ninguém me quer! já ninguém me respeita, nem me ama, aqui!...

GUILHERMINA (*acariciando os cabelos de Amélia*): Não é verdade, menina...

AMÉLIA: E ele não deixava! O pai nunca consentiria em separar-se dela!... Tu sabes bem que eu não podia, legalmente, exigir-lha...

GUILHERMINA: O que lá vai, lá vai...

AMÉLIA (*grave, soturna*): A Sibila não gosta de mim, Guilhermina.

GUILHERMINA (*doce, firme*): Gosta.

AMÉLIA: Como ela cresceu!... Tenho medo. E agora... a morte do pai... Eles davam-se bem...

GUILHERMINA: Aquilo era uma verdadeira paixão: nunca tal vi! Viviam sempre os dois, juntos o dia inteiro...

AMÉLIA (*a sofrer, impaciente*): Sei, já sei isso tudo! Ele... foi ele que a ensinou a odiar-me! E a Sibila é minha filha!

GUILHERMINA: Nunca falavam em si, menina.

AMÉLIA: E tu? Tu também não? Era como se eu não existisse, como se... estivesse morta?! Eu, a vergonha... a nódoa da família! Pois olha que, se quisesse, também lhe podia contar muitas coisas do pai... e bem edificantes!...

GUILHERMINA: Por amor de Deus, menina: lembre-se que o senhor doutor Rodolfo morreu há dois dias, que ainda...!

AMÉLIA (*contraído-se*): Dói-me tanto o estômago!... Não posso aguentar isto mais tempo... estou doente, doente!... (*Sôfrega.*) Queria... precisava daquele remédio!

GUILHERMINA: Manda-se chamar o médico, à cidade...!?

AMÉLIA: Não, nunca mais cá chegava! Eu quero voltar pra Lisboa, eu...

GUILHERMINA: Amanhã. Venho já: vou ver do vestido. (Terna.) Componha a sua cara, menina... (Nos movimentos trôpegos de saída, deita ao chão uma fotografia de Rodolfo, colocada algures, sobre uma mesa.) Oh, meu Deus!...

AMÉLIA (gritando assustada): Que foi...? Ai, isto é o inferno!...

GUILHERMINA (que, penosamente, apanhou o retrato.) Quebrou-se...! Perdoe-me, menina, eu...

AMÉLIA (arrepio): Vidros!...

GUILHERMINA (contemplando a fotografia): Era muito bonito!...

AMÉLIA (vendo também o retrato): Era... era um homem belo. (Descontrolada.) Que horror... que morte pavorosa! Porquê? Por que é que...?! (Soluça.) Oh, infeliz, pobre Rodolfo!...

GUILHERMINA: Já não era o mesmo. Nos últimos meses, mudou muito...

AMÉLIA: Era ainda novo, forte, cheio de saúde... Que coisa atroz!...

GUILHERMINA: Estava doente.

AMÉLIA: Doente? E não o tratavam, deixavam-no andar assim, à vontade...? Consentiam que ele dormisse sozinho, naquela maldita cabana?! Doente, com quê?...

SIBILA (que, oculta pelas costas de um grande cadeirão, em frente da janela, tem estado completamente invisível para os espectadores. Sem se mexer, só a voz.) Cancro.

AMÉLIA: Não! Não é possível!?

SIBILA: Cancro.

GUILHERMINA (triste): Era... era um cancro.

AMÉLIA (desesperada): E não o tiraram daqui, não o internaram, não...?! Podia ser que... às vezes... (Fúria súbita.) Que fazes aí, Sibila? Escondida, sempre a espiar... Quem te autorizou a entrares neste quarto, assim...?

SIBILA (calma): Dormia. Acordei mesmo agora.

GUILHERMINA: Não tinha dado por ti, filha...

AMÉLIA (que se levanta, em movimentos rítmicos): E não me avisaram: nem uma carta, nada...! Cancro! Era a tua obrigação, Sibila: devias ter-me prevenido! Parece-me que, apesar de tudo...!

SIBILA: O pai proibiu-me.

AMÉLIA: Sai daí, rapariga: continuas escondida?! Sai daí, quero ver-te... Irritas-me! (*Deixa-se cair sobre a cama.*) Ai, dói-me o corpo todo... estou mal, mal!... Não ouves, Sibila? Anda cá!

SIBILA: Não posso: tenho as pernas dormentes.

AMÉLIA: Oh, pobre Rodolfo!... E não o vigiavam, não...?! Vocês são responsáveis por... por aquilo que aconteceu: deixaram-no morrer queimado! miserável e abandonado, naquela cabana... E assim... tão doente! Não têm desculpa: são as causadoras daquele horroroso acidente!...

SIBILA: Não foi acidente.

AMÉLIA (*levantando-se*): Não foi...?! Então aquele fogo que se pegou à cabana... que matou o teu pobre pai...!? Ai, cada vez que penso que ele estava lá sozinho, naquela aflição...!

SIBILA: Não, senhora: não foi acidente.

AMÉLIA (*interrogando Guilhermina*): Então que foi...?!

GUILHERMINA: É como a Sibila diz...

AMÉLIA: Quer saber! Aquele fogo... quem...?!

SIBILA (*que aparece: de pé, vestida com calças, encostada ao espaldar da cadeira*): Eu. Fui eu que deitei fogo à cabana.

AMÉLIA (*espanto e horror*): Tu?!

GUILHERMINA: Foi ela.

AMÉLIA: Sibila?!

SIBILA: O pai já... não estava vivo, quando eu lancei o fogo.

GUILHERMINA: Matou-se...

SIBILA (*feroz*): Com um tiro aqui, no coração.

AMÉLIA (*para Guilhermina*): É verdade?!...

GUILHERMINA: Foi assim.

AMÉLIA: São doidas?... Vocês metem-me medo...! Jesus, o que dirá essa gente?!...

SIBILA (*troça*): Ninguém sabe: só eu, tu e a Guilhermina. Ninguém.

AMÉLIA (*que volta a cair sobre a cama*): Mas por que... por que fizeste tu isso?!

SIBILA: Porque ele me pediu.

AMÉLIA: Quem? o... teu pai?!...

SIBILA: Combinámos tudo antes, mãe.

AMÉLIA: Mentos!

SIBILA (*dura*): Nunca menti, mãe.